This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

MLC
212
30

CONGRATULATIO CANUM

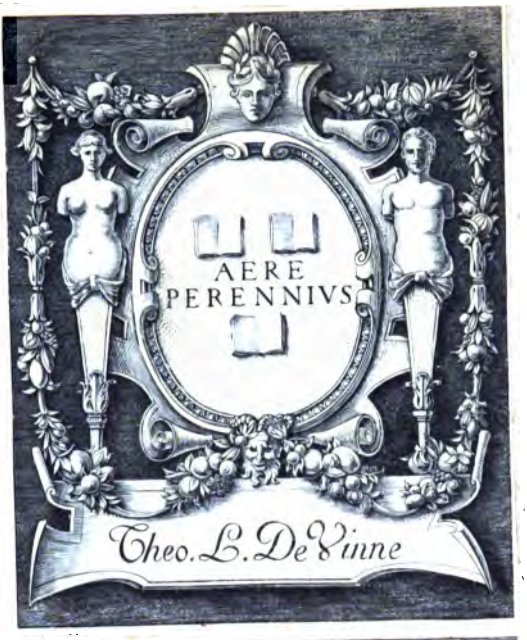
COM A VERSÃO PORTUGUEZA

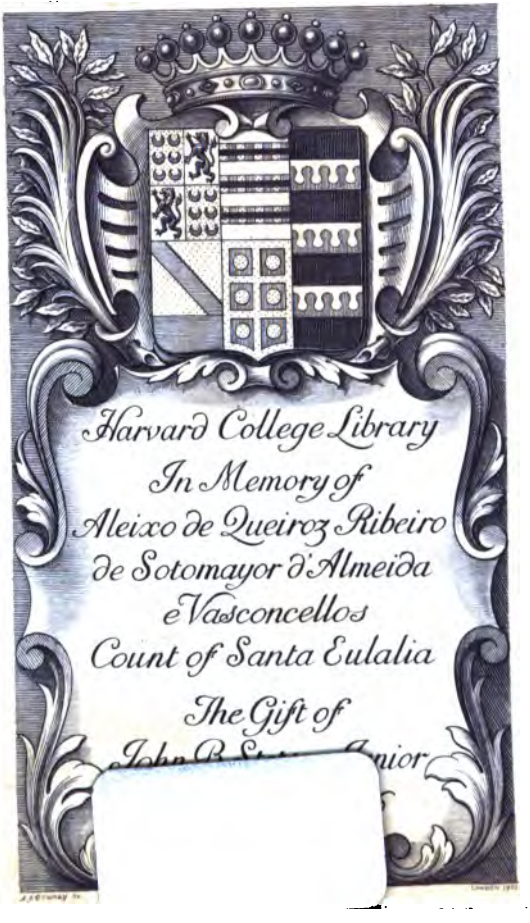
POR

A. A.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

ML


AERE
PERENNIVS
Theo. L. De Vinne


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of

Exemplar offerecido

a

Theodoro L. De Vinne

CONGRATULATIO CANUM

COM A VERSÃO PORTUGUEZA

POR

A. A.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1893

ML c 212.30

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.
Oct. 26, 1921

THOMAZ DE CARVALHO

Aqui está um perfil que não engana. Os olhos peninsulares, faiscando atravez do crystal dos oculos, o nariz aquilino, a bôca fina cortada no sorriso da ironia, as suissas talhadas em ferro de lança, uma expressão voltaireana em toda a physionomia, que é isto senão a revelação d'um cerebro bem constituido, diamantino, proprio para todas as concepções e subtilezas do espirito, temperado como o aço, aguçado como o bisturi?

O dr. Thomaz de Carvalho é uma individualidade complexa, fundindo-se n'um todo harmonioso, como uma liga metallica admiravelmente combinada, como um busto de bronze sobre um pedestal de marmore. Ha n'elle a admirar o homem de sciencia, o homem de lettras, e o homem do mundo, e essa trindade scintillante apparece-nos encarnada n'uma só natureza, n'um d'esses prodigios de que nos dão conta as theogonias orientaes.

Como homem de sciencia, Thomaz de Carvalho foi uma das mais bellas personificações do professorado. Está ainda saudoso da sua palavra fluente e erudita o echo do amphitheatro da Escola Medica. Ninguem como elle sabia vencer a aridez fastidiosa do seu curso, interessando o auditorio no estudo dos mais intrincados problemas do organismo. Elle fazia desapparecer todas as repugnancias de qualquer peça anatomica, e o estudante ficava extasiado diante da amenidade e da delicadeza de um professor, que mais parecia estar n'uma recamara artistica que n'um gabinete de dissecções. Sem perder uma só vez o rigor technico que se exige em similhantes palestras, elle procurava amenisal-as convenientemente, lançando de passagem, como fulguração inesperada, um dito picante, que emocionava o espirito da mocidade, sem lhe quebrar o fio da attenção. Umas vezes discorria pelo campo da anatomia comparada, examinando o organismo na variadissima escala animal e nas suas manifestações teratologicas; outras vezes, para mostrar a importancia do orgam e, para mais dispertar a curiosidade, fazia um resumo da sua funcção, mostrando quanto a anatomia é o principio fundamental de todas as sciencias biologicas. Reconhecendo a difficuldade de estabelecer uma nomenclatura anatomica, verdadeiramente logica e racional, que assentasse sobre uma base segura, como a que Lavoisier applicou á chimica, Thomaz de Carvalho tinha todavia o segredo de aplanar essas imperfeições, obrigando a memoria a daguerreotypar o melhor possivel as fórmas e os nomes de todas as peças do cadaver. Ninguem como elle descrevia as linhas do esqueleto,

a directriz e inserção dos musculos, a sinuosidade e distribuição do systema arterial e venoso, as configurações da splanchnologia, as circumvoluções cerebraes. Com similhante guia não havia receio de se perder nos mais emaranhados labyrintos anatomicos.

Fallando ou escrevendo, Thomaz de Carvalho soube sempre fazer uso discreto da palavra. O seu periodo oratorio não tem a superabundancia fragil do estylo castelaresco. Duas condições essenciaes influiram no seu caracter de orador academico. A sua educação scientifica e a sua educação classica deram-lhe a concisão e a nitidez, que não excluem por certo a plastica da fórma, antes lhe dão a belleza da estatuaria antiga. Nunca ouvimos Thomaz de Carvalho na tribuna parlamentar, onde os seus discursos, de um atticismo e de uma finura epigrammatica, seriam como diamantes encastoados em vil metal, mas a physionomia politica do nosso biographado pouco nos importa pôl-a em relevo, quando outras feições do seu espirito, mais sympathicas e menos perecedouras, nos estão irresistivelmente attrahindo. O estylo de Thomaz de Carvalho, pela graça e pela sobriedade, faz-nos lembrar a elegancia de Garrett. Ainda ha pouco lhe ouvimos pronunciar duas pequenas allocuções como provedor da Santa Casa, e ahi se nota, apesar da deficiencia do assumpto, quanto são relevantes as qualidades que apontâmos. Singeleza de fórma, suavidade de estylo, correcção de phrase, o colorido litterario e o colorido do sentimento, tudo isto se harmonisa ingenuamente, sem o menor esforço, com a naturalidade, que só se aprende nos grandes mestres. Nem sempre, porém, Thomaz de Carvalho é o orador

unctuoso: a sua feição predominante é a do critico, que escalpelisa serenamente, sem espalhafato, sem que o paciente quasi que sinta o golpe. Haja vista á oração que elle proferiu na sessão solemne da abertura da Escola Medica de Lisboa em 5 de outubro de 1859, e na qual fez a historia dos grandes charlatães, desde Paracelso até aos heroes contemporaneos. Não se arranca a pelle com mais delicadeza. Vae espetando o alfinete, como se estivesse pregando lepidopteros ou fazendo a tatuagem no espirito do seu adversario.

Mas é cavaqueando, em auditorio familiar, que Thomaz de Carvalho revela mais extraordinariamente as suas faculdades de homem de sciencia e de homem do mundo. Na ininterrompida pratica com os livros, na sua longa e extensa convivencia social, tem aprendido muito, sabe muito, e a sua memoria de anatomico é-lhe um auxiliar fecundissimo. Como frequentou as mais altas escolas e como tratou de perto com os mais eminentes litteratos e artistas, o seu espirito encyclopedico adapta-se a todos os assumptos, e por isso é commum vel-o divagar, facilmente e com o mais elevado criterio, sobre os problemas mais transcendentes da philosophia natural, ou sobre as questões que mais tem agitado o mundo das lettras. E discreteia como um simples mortal, sem se dar o aprumo impertinente dos enfatuados, sem embrechar na conversa os termos retumbantes dos que imaginam que a sabedoria está no emprego das palavras, que só se interpretam com o auxilio do Larousse ou do Littré. Amante do bello em todas as suas manifestações, não quer que a sciencia seja de modo nenhum o sacerdocio exclusivo dos bonzos. A sciencia, sem ferir a

susceptibilidade de ninguem, póde pôr na lapella da casaca um ramo de myosotis e ir para a plateia de S. Carlos applaudir os mais inspirados interpretes de Verdi, de Rossini, de Meyerbeer e de Wagner. E nos intervallos nada mais natural que cavaquear alegremente, polvilhando os episodios da vida, quasi sempre d'um comico irresistivel, com uns grãosinhos de sal epigrammatico. E n'isso é elle eminente. Um certo e indiscriptivel meneio de bôca, um certo e original sibilo da palavra, completam admiravelmente a ironia que muitas vezes ficou em suspenso ou delineada d'uma fórma equivoca.

Durante muitos annos Thomaz de Carvalho militou na imprensa, tanto scientifica como litteraria, na propria imprensa politica, mas fez sempre fogo de guerrilheiro. São innumeros os artigos que traz espalhados em alguns opusculos e n'uma grande variedade de periodicos, mas nunca se dedicou a escrever uma obra de pulso, em harmonia com a pujança do seu talento, com os seus conhecimentos scientificos, com o seu gosto litterario, com a facilidade do seu estylo, com a pureza da sua linguagem, com os dotes do seu espirito, tão culto e tão gracioso, que se dissera um atheniense perdido no meio de uma sociedade mercantil e utilitaria. Thomaz de Carvalho, sob este ponto de vista, se não se attribuir a culpa a timidez inexplicavel, é um egoista ou um sybarita. É possivel que seja excesso de modestia, receioso de não poder corresponder ao ideal, que elle de si proprio conjecturasse. Esta modestia, elevada a um grau demasiadamente alto, é o justo e desculpavel orgulho dos homens que preferem ficar no silencio, se a sua voz não

attinge as regiões inacessiveis que elles imaginaram. Como quer que seja, Thomaz de Carvalho acha um prazer immenso em deliciar-se com as obras dos outros, sem se importar que o mundo reclame d'elle a compensação d'esse prazer. Um romance bem architectado, um soneto de fórma impeccavel, um estudo critico de largo folego, uma pagina sentimental ou uma pagina de profunda analyse psycologica, o estylo de bronze de Herculano ou o dizer encantador de Garrett, um artigo picante da imprensa diaria ou um alexandrino primorosamente burilado por Castilho, tudo são manjares no banquete litterario d'este gastronomo do bello, d'este Brillat-Savarin das iguarias ideaes.

Não ha nada mais formoso, não ha nada mais cheio de harmonia do que o organismo humano, tronco onde a natureza esculpiu os seus primores, quadro onde ella aprendeu a manejar os seus pinceis, mas como Thomaz de Carvalho fosse condemnado, pelo seu mister de anatomico, a ver desfeitas todas essas graciosas proporções, quiz vingar-se da sorte que lhe coube, saboreando em compensação todas as manifestações do espirito; o livro e o quadro, a estatua e a partitura, o perfume das rosas, que são a alma da vegetação, e o canto das mulheres, que são as rosas da existencia. E quando alguem accusar o seu sybaritismo, elle poderá dizer ao peccador que lhe arremesse o primeiro tiro: — mas para quem é que se fizeram as perolas?

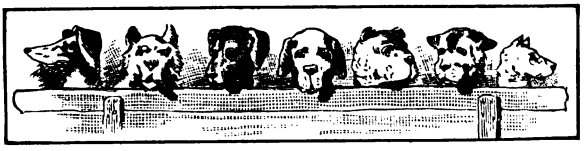
Para equilibrar, porém, este defeito, se não é porventura uma qualidade affectuosa, revelemos um attributo excepcional do seu caracter e que lhe dá a su-

premacia incontestavel que tem exercido sobre umas poucas de gerações. Não ha ninguem que menos se narcise que Thomaz de Carvalho e que mais admire o talento dos outros. N'isto consiste a sua inveja— em ser o primeiro a applaudir, a estimular, a imaginação que desabrocha fulgurante. N'isto se parece com o explorador botanico, que sorri de contentamento quando encontra no sertão uma planta desconhecida e que vae ficar archivada com enthusiasmo nos annaes da sciencia.

Que importa que essa planta lhe fira mais tarde as mãos, ou lhe narcotise o ambiente com o venenoso effluvio da ingratidão, se a sua consciencia de naturalista ficou plenamente satisfeita?

SOUSA VITERBO.

CONGRATULATIO CANUM



AO LEITOR

Por occasião de uma postura da camara municipal de Lisboa sobre os cães vadios, escreveu o insigne estylista José Maria Latino Coelho o gracioso folhetim, que adiante vae transcripto. Na metade primeira d'elle serviu-se da lingua portugueza em que foi um dos mestres a par de Castilho e de Alexandre Herculano; e na segunda soltou em *macarronico* uma oração, *pro canibus*, onde a graça da dicção faz concorrencia ás vivas e espirituosas reminiscencias classicas.

O auctor da Congratulatio canum lembrou-se de agradecer ao immortal advogado, compondo em verso macarronico o reconhecimento e gratidão dos caninos clientes. O poemeto (deixem-me pôr-lhe este nome) tem o enormissimo defeito de querer imitar o que é inimitavel na litteratura patria, o celebre *Palito metrico, macarronéa* superior a quantas correm mundo em todas as linguas da Europa. E outro

talvez maior defeito se lhe possa imputar, o de não ser sufficientemente macarronico, trahindo assim os intuitos do auctor, e a expectativa de quem o ler.

Apesar d'isto logrou alcançar algumas lisongeiras e gratas apreciações; entre as quaes não queremos furtar-nos á immodestia de transcrever uma carta do glorioso romancista Eça de Queiroz, cujo estylo revéla já o celebrado auctor dos *Maias* e do *Padre Amaro.*

Apparece esta nova edição da CONGRATULATIO sob os auspicios e generoso patrocinio do illustre administrador geral da imprensa nacional, eruditissimo bibliophilo, e actual representante dos famosos impressores Deslandes. É acompanhada pela traducção, em que um amigo dilecto do auctor, que apenas assigna com as iniciaes, accumulou e venceu todas as difficuldades da sua gentilissima versão. Repare-se que é toda feita verso a verso, em parelhas de alexandrinos, rimados em graves e agudos. Seja-me permittido aqui mesmo saudal-o e felicital-o.

TH. C.

Meu caro amigo.—Recebi a sua *Congratulatio canum.* Eu sou um barbaro, que não sei comprehender, nem admirar a doce belleza plastica da lingua latina. No emtanto percebi, com a estreiteza das minhas antigas recordações *Tito-Livianas* que o meu amigo, se pela escolha original do seu assumpto, podia ter sido um poeta sabio da Decadencia, merecia

pelo puro explendor do seu latim ter cantado a mesma fundação do *Latium*.

O cão tem um extraordinario futuro. O homem está velho, absurdo, inutil: a raça vae findar como a dos mastodontes e a dos anjos. Quem sabe, se n'uma distante e tenebrosa evolução, o cão será o homem, como o homem foi o macaco? Quem diria vendo, nos antigos paraisos afogueados, o macaco balançar-se nos grossos troncos da batata gigante, que aquelle felpudo e hirsuto personagem seria um dia barão, camarista, bispo e redactor de gazetas? Por isso, quem sabe tambem, se a futura democracia socialista e ideal será feita por estes nossos amigos, perdigueiros, *bull-dogs*, rafeiros, *king-charles* e galgos! Se assim for, na futura bibliotheca da Alexandria canina, o seu livro que foi a primeira voz d'aquella mudez que ladra e uiva, que foi a entrada da eloquencia e do verbo do cão no *forum* e na cidade, o seu livro será o quer que seja de tão fundamental como é agora o cathecismo. Eu creio mesmo que o meu caro Thomaz de Carvalho, com a sua admiravel intuição scientifica, percebeu isto, e que a *Congratulatio canum* não é mais que a habil adulação de um futuro poder da terra. *En attendant*, o seu livro será estimado como o quer que seja de bello como plastica e lingua e de espirituoso e de original como intenção. *Et nunc et semper* muito seu—*Eça de Queiroz*.

PRO CANIBUS

UMA guerra de exterminio havia ameaçado destruir o imperio dos cães, como havia já na antiguidade aniquilado o imperio dos assyrios ou o imperio de Alexandre. A camara municipal, no seu furor revolucionario tinha, como a Convenção nos dias do mais desatinado frenesi, ou Scylla nos tempos da mais cruel vindicta, inscripto na lista das proscripções os nomes dos cães, que tinham nome, e mesmo o d'aquelles que, por inteiramente desvalidos e plebeus, nem tinham nome nem colleira.

Estava prestes a abrir-se no municipio de Ulysses uma epocha tenebrosa e barbara, em que o cão forte era apenas uma tradição e uma memoria tragica. Avizinhava-se o tempo em que os edis olysiponenses haviam de gravar nas praças e ruas da capital a sinistra inscripção paraphraseada de Virgilio:

Campus ubi canis fuit

ou traduzida do poeta Gibelino

Lasciate i pestri cani voi ch'entrate

O gato, o borralheiro, o typo conhecido e proverbial do egoismo e da inveja, via com prazer approximar-se a idade aurea em que empunharia sem partilha o bastão da soberania domestica, gosaria de todo o valimento, e poderia fazer do officio de rateiro uma sinecura mal disfarçada, por estar já seguro do monopolio das caricias... e do figado de vacca, no lar sagrado das familias.

Os deputados da maioria veriam com prazer exterminada uma especie em que a fidelidade proverbial envergonhava a cada instante a qualidade essencial d'aquelles eminentes estadistas.

As esposas, que se parecem na rigidez com os deputados da maioria, saudariam com prazer o desapparecimento d'aquellas raças, em que os maridos philosophicos achavam a antithese consoladora das infidelidades conjugaes.

Os homens que fazem o officio de politicos esperavam com anciedade o supplicio do ultimo cão na certeza de que todos elles teriam por herança essa qualidade, que a natureza concedeu com menos avara mão áquelles animaes, o que deu origem a um proloquio vulgar, que escusamos de repetir.

O *Diario de noticias* levantou bandeira de philanthropia *ad usum canis,* e só lhe faltou mostrar com textos dos doutores que a caridade do evangelho se devia ampliar ás alimarias e quadrupedes, these que a ser universalmente recebida seria inapreciavel-

mente vantajosa a certos cavalheiros, que parecem estar ainda na primeira idade do homem primitivo, segundo a hypothese de Rousseau.

A camara principiou a reflectir na dureza e iniquidade da perseguição. Um dos vereadores lembrou-se de que se o cão nas ruas, ao passar pelas portas da Ribeira Velha, ousava violar as posturas municipaes, irrigando com a sua incontinencia algum costal de bacalhau encostado junto ao poial, não era rasão para pronunciar a pena ultima contra os miseros contraventores.

Um outro vereador, pensando que se o cão, pela sua reluctancia ás bebidas alcoolicas, era um sordido freguez, por isso mesmo não fazia damno aos armazens de vinhos e aguardentes, e era mais inoffensivo para o seu commercio do que um beberrão arrependido, e alistado como socio de merito n'uma sociedade de temperança.

A camara ía lendo o *Diario de noticias,* e não podia já quasi responder áquella torrente continuada de eloquencia phylocynica. O Wilbeforce dos cães, o Victor Hugo dos podengos, o Howard dos mastins, o Francklin dos rafeiros, o grande escriptor que em favor dos cães fizera mais do que a bem dos homens infelizes fizeram todos aquelles philanthropos, levava de vencida a couraça dos mais intrataveis camaristas. Os vereadores tinham começado Neros e Domicianos e acabavam mais affectuosos e amaveis do que uma dama do *high-life* com o seu predilecto *King-Charles.*

Era preciso dar o *coup de grâce.* Deputou-se um camarista para fallar á vereação. O orador da assem-

bléa passou tres dias a commentar e meditar as orações de Cicero *pro Milone* e *pro Ligario*, que lhe explicou entre parenthesis de simonte um clerigo já velho, e a final, tomando gosto pela lingua de Virgilio, decidiu-se a arengar aos seus collegas n'aquella grave e pomposa locução, e depois de tomar venia do presidente, assim começou o seu discurso:

«Vereatores amici. Nunquam atrevitus sum ad parlare in publico, una vez excepta, quando me presentavi ante electores bairri mei in proxima præterita electione, quod magis acreditavi semper in pataquis, quam in discursis ad comprandos votos independentium cidadanorum. Per signal que compater meus barbeirus de rua de Martim Vaz dixit basbaquibus: me habere parlatum melius quam dominus Braamcampus geringoncæ fazendariæ administer, et cumprimentatus fui in fine per meos numerosos amicos (verum est quod honores istos pagavi ego cum lingua palmi in taberna Joannis Catitae, singulos votos singulis copasiis Cartaxi et singulis postis pescadæ, pagante me, ut de salata et azeitonis nihil dicam).

«Veniam peto a vobis si ausus sum aperire bicum, quia revera in fervura eloquentiæ timeo ne asneira quædam transeat barreiras linguæ meæ, direitis furtata ut carneiri compatris mei candongarii.

«Cum autem de republica agitur humanitatis causam, tomo palabram ad demovendos vos a summa iniquitate et insania cum vos determinati estis in canibus vagabundis magnas exercendo sevitias, ego adsum podengorum defensor ac tutor, nefarioque opere jure indignatus. Supplex exoro vos ut sanham vestram dimittatis et lembretis vos de illis versis

machacasi illius de bronze qui est agora cum meninis suis a roda in plaça Aluizii Camonii:

Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

«Quid tentatis, collegæ? Ó miseri! Quæ tanta insania, cives! Mactare canes totos nulli parcendo! et si canes cameram suam municipalem galfarrosque habuissent, gustabatis vos, inquam, quod rafeiri immunes fecissent posturam per dare cabum de vobis, qui estis ás vezes turbulenti et latratores? Qui potest dicere *de ista aqua non bibam?*

«Qui scit si cras eritis canes, cum tempora sint nubila et trapalhatæ tantæ hodie sint in mundo, ut ningunus possit dicere si habebit manhana in pescoço suo colleiram canis, aut in pectore bugigangam commendatoris? Et si in canes metamorphoseati estis (more pithagorico) quid esperatis tunc? Croquettes Mattæ, aut bolos strychninæ.

«Hodie per vos, manhana per nos, ut resat refranus. Itaque estote prudentes et pacati. Ego cum tendarius fuissem in pequeno ante elevationem meam ad edilitios honores et cognovissem proverbium illud, quod dixit lusitane —*manteiga em nariz de cão*— et rationes habuissem ás carradas ad mostrandum me inexorabilem contra caninam raçam, nunquam tamen habui malos figatos et acreditavi semper illud celeber dictum —*animalibus male facere indicium est mali caracteris.* Quod ipsum affirmat Aristoteles in tractato suo —*De canibus interficiendis,*— et Plato in *Timæo,* et Justinianus, L. 3 Cod. —*De his qui cani-*

cidium propter noxam faciunt, et lex Cornelia *de veneficiis et secariis passim.* Cum in loja mea sæpe intrujones quidam canes fecerunt multos, nihilominus in canes implacabilis sum. Et cum *Diarius noticiarum* docet nobis —*charitatem in animales proximos remotosque esse virtutem observandam,* — demus canibus escapùlam.

« Si pietatem non habemus in canes, quis habebit pietatem in asinos?... Et bonis entendedoribus media palabra sufficit, ut ait Cicero in *Bruto.* Dixi. »

LATINO COELHO.

UM MOLOSSO A OUTROS

DESCREVENDO-LHES

O AUCTOR DA *CONGRATULATIO*

SONETO

Foi fino mestre em tempo, é fino mestre agora,
e ha de ser sempre, embora o orbe em seus eixos mude.
Dedilha o bisturi, scalpella no alaude,
perscruta na poesia e no saber adora.

Velho — será; de longe e só muito por fóra.
Viça-lhe dentro a flor da eterna juventude.
É branco: é branca a espuma a acachoar no açude;
e o pincaro da neve — e de ter perto a aurora.

Crê-se que o viu nascer n'um seu cantinho Athenas.
Nas flexas do dizer usa farpões e pennas.
Na imprensa e na cadeira um ladrador de truz.

Mas n'este só contraste haveis de distinguil-o:
morde, como um canil, seu petulante estylo,
e a alma, como a do sol, fecunda, alegra e luz.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

DILECTISSIMO AMICO

IULIO CAESARI MACHATO

Tu qui iucundae gaudes in vere iuventae
Dilectas musas, pulchrasque ardere puellas,
Si Venus alma sinit, dulcisque Cupidinis artes
Otia vel faciunt tibi, amicum dilige carum;
Nam procul a te propitios exoptat amores
Per longum tibi laetumque aevum. Nunc vale, Iule.

AO DILECTO AMIGO

JULIO CESAR MACHADO

Tu que gosas da vida a primavera e instigas
Ás musas meigo ardor, paixões ás raparigas,
Se a mãe Venus consente, e fazem ocios teus
As artes de Cupido, o amigo estima caro,
Que, embora de ti longe, amor propicio e raro
E alegre te deseja.—E agora, Julio, adeus.

CONGRATULATIO CANUM

LATINO CUNICULO

OLISIPONENSIS ACADEMIAE A SECRETIS

SALVE defensor canum, amate Cunicule noster,
Praesidium et vindex, custos, columenque decusque!
En virides palmas latrantis concipe gentis.
Tu pater esto molossorum! Nunc praemia gratos
Laudibus aeternis persolvere convenit omnes
Tum tibi cum fratri, carisque sororibus aeque.

Iam nova lux oritur, redeunt iam prospera fata;
Festivo caudamque caputque extollere cantu
Possumus, et cursu vagabundo errare per urbem,
Et latrantes gauderé et gannire dolentes.
Iam nobis licet uivare infausto omine, iamque
Morbos vaticinari, arcanaque pandère damna,
Ac pressis lethum instans prodere faucibus aegro.
Municipes vivant; iam libertate gosamus.

CONGRATULAÇÃO DOS CÃES

A

LATINO COELHO

SECRETARIO DA ACADEMIA OLISIPONENSE

SALVE, dos cães patrono, amado Coelho nosso,
Presidio, lustre, e guarda, e vingador colosso!
As verdes palmas tens da ladradora grei
Tu, pae dos canzarrões! teu premio é grata lei;
Darmos todos convem louvor eterno ás claras
A ti e a teu irmão, e igual ás manas caras.

Já nasce a nova luz, prospera a sorte vem;
Já com festivo canto alçar podêmos bem
Cauda e collo, e a cidade em ocio errar tunantes,
E ladrando folgar, ganir maguas instantes;
Já licito nos é infausto agoiro uivar,
Contagios predizer, desgraças futurar,
E dar da morte ao doente em uivos os assomos.
Vivam os cidadãos; já livres todos somos.

Tempora prisca recordans, nobis saevaque tantum,
Quando non licuit placidos habitare penates,
Aedilesque furore premunt ad retia nostros,
Mens agitata doloribus angit: frigidus horror
Territa membra quatit mox; pendet lingua bucca,
Atque pilosum rabum crura recondimus inter.

Talia quis fando a lacrymis se temperet! atram
Imponunt canibus legem, omni tempore vilem,
Ut poenas det supplicio quicumque sabujus,
Qui collo nunc submisso non maelia gestet,
Maelia seu gestet fisco non aere soluto.
Tantae molis erat gentem iugulare caninam.

Annales memorant antiqui horrentia multa,
Quaeque recordata infringunt canis artua semper:
Illa Neronis qui flammas imposuit urbi
Ridens, et ferro matrem interfecit acuto:
Horrida Caesaris illa caduci quem insula Capri
Abscondit turpem, Seiano regna tenente.
Caii, cui nomen caligae fecisse videntur,
Qui, saevas prodens longo post tempore manhas,
Romanum populum caput unum habuisse peroptat
Tantum, ut truncaret gladio et mandaret Averno.
Supplicium atque Perilli tauro, qui coquit imo
Quos recipit ventre, horrifero stridore gementes,
Narrant, et strages Sullae Mariique medonhas;
Et quod cum molli concertum denique Marco
Et Lepido Augustus celebravit sanguine tinctum.

Sed quantum Camerae furor ardens distat ab illis
Fidos in nos custodes hominumque deumque!
Tantae cur cabent animis aedilibus irae?!
Curque tumescunt saevi, saucia ut aspis in herbis?!
Qui estis? num licet orates componere nobis?!?!
Unde basofia vobis, unde audacia, parvi!
Ut postas pescadae iam arrotetis ab alto?
Expelli tamen e nostris decet omnibus unum,
Qui vergonha parentum est, doctorumque Coimbrae.

D'outros tempos lembrando o tão cruel soffrer,
Quando em placido lar defeso era o viver,
E, raivando, os edis iam de rede aos nossos,
Corta-se o coração; de frio horror os ossos
Tremem; pende da bôca a lingua em mesto afan
E entre as pernas o rabo agacha a crespa lan.

Quem lagrimas sustem, angustias taes contando!
O supplicio brutal, e sempre vil, nefando,
Da morte impõem aos cães; morrer todo e qualquer
Que a colleira submisso ao collo não trouxer,
Ou trouxer sem pagar ao fisco a atroz propina.
Tanta importancia tinha o fim da grei canina!

Nos antigos annaes horrendos casos vem
Que sempre, ao recordar, os cães em medos tem;
Esse de Roma a arder e rindo em cima Nero,
E a mãe perdendo a vida ao golpe agudo e fero:
O do Cesar caduco e torpe que escondeu,
Sejano emtanto rei, de Capri o lindo ilhéo;
O de Caio que o nome a cáliga alcunhára,
O qual a manha velha iniquo confirmára,
Quando ao povo romano uma cabeça quiz,
Uma só, e assentar-lhe a espada na cerviz,
E aos infernos mandal-a; e o touro de Perillo,
No ventre a rechinar, causando assombro ouvil-o,
Quantos lançavam lá, gemendo horriveis ais:
E de Sylla e de Mario as guerras tão brutaes;
E esse concerto emfim, tremendo, duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio em sangue fez Augusto[1].

Mas quanto dista a arder da Camara o rancor
A nós, guardas fieis dos homens, do Senhor!
E cabem de ira tanta em peito edil reservas!
Porque se incham crueis, qual aspide nas hervas!
Quem sois? aos doidos já querer-nos comparar?!?!
D'onde basofia tal, d'onde essa audacia alvar
Que vos dá que arroteis assim pescada ás postas?!
Mas de nós todos a um convem voltar as costas,
Que é vergonha dos paes, dos lentes coimbrões:

Saepe feras simulans tigres, rabidosque leones
Latrat parlamento in magno, turgidus ira;
Saepe videbis sollicitum de foenore turpi
Lucrum auferre ab mandatorum uxoribus. Illum
Agnoscis, cave: nomen, cognomenque tacemus.

Musa canum, et tu custos orci, Cerbere magne,
Quae decora et virtutes nobis, quae merito sint
Debita nunc canibus, date iam cantare poĕsi,
Aedilesque cruentos nostro agitare flagello.

Cum pater omnipotens ex limo conderet orbem,
Et solem et lunam et post omnia sidera coeli,
Ac similes sibi iure canes hominesque crearet,
Os homini canibusque dedit, coelumque tueri
Iussit, ut una coniuncti unanimesque subirent
Angustos vitae calles, miserosque labores.
Inde sodales et fuimus quo tempore primum
Aequales fecit pater alterutrosque colendus,
Alterutrosque per aevum iussit amarier omne.

Nos vigiles furis solertis calliditates
Prospicimus iuxta portas latratibus altis.
Nos sequimur dominos semper dominasque fideles;
Nos guardamus burram, infantis lambimus ora;
Nos defendimus arvum, prata recentia rivis,
Potros, tauros bravos, omne gadumque miudum.

Oh! stultorum turba, magis quæ rara voletis
A nobis tandem?: «*nunquam custodibus illis*
Nocturnum stabulis furem, incursusque luporum
Aut impacatos a tergo horrebis Iberos.
Saepe etiam cursu timidos agitabis onagros,
Et canibus leporem, canibus venabere damas;
Saepe volutabris pulsos silvestribus apros
Latratu turbabis agens, montesque per altos
Ingentem clamore premes ad retia cervum[1]».

Ora tigres simula, e rabidos leões,
No parlamento ladra, o peito impando de ira;
Ora torpe onzeneiro, até usuras tira
Á mulher do eleitor. Quem seja o singular
Sabeis, cautela: nome e alcunha é bom calar.

Musa canina, e tu, grão Cerbero, que velas
No Orco, dae-me o cantar quantas virtudes bellas
E decoro nos cães, e merito reluz,
E com o meu rebem surrar os edis crus.

Quando o pae creador formou do barro a Terra,
E sol e lua e, apoz, quanto astro o céo encerra,
E, iguaes em tudo a si, homens e cães creou;
Cara aos cães e homens deu, e ao céo olhar mandou,
E juntos e de accordo, os miseros trabalhos
Da vida supportar nos lobregos atalhos.
D'ahi nossa igualdade; e socios desde então
Todos o pae nos fez, mandando com rasão
Ter-se mutuo respeito e amar-se eternamente.

Ao ver o que o ladrão, sagaz em manhas, tente,
Á porta com ardor ladrar nos ouvireis:
Seguimos os patrões e sempre ás donas fieis;
Nós guardamos a burra, ao filho a mão lambemos,
E os prados frescos d'agua e o campo defendemos,
E os potros, gado bravo, e toda a miuda rez.

Oh! que extremos quer mais de nós a turba soez?
Pastor que a seus redis tem d'estes guardadores
Excusa de tremer dos lobos raptadores;
Ri do ladrão nocturno, e até do bandoleiro
Ibero que por traz assalta o caminheiro.
Se gostas de acossar os timidos onagros,
De ver como transpõe a lebre e a gama os agros,
Fia-te nos teus cães. Sentindo-lhe os ladridos,
Os brutos javalis fogem-te espavoridos
Do enxurdeiro silvestre; e o giganteo veado
Voando cerro além, cai na rede enleado[1].»

Fama loquax laudat nostros vaga mille per ora
Tempore ab omni; et mundum currunt obstupefactum
Virtutes canis: inclinato vertice nobis
Pilea tirant et fatiunt grave salamalecum
Omnes, et ius est: quia prosa et versibus imo
Portant nos coelo scriptores atque poëtae.

Ardens flammarum splendore Canicula lucet:
Et quis forte ad firmamentum lumina vertens
Perspicit aediles clara inter sidera coeli?
Caecus cantor Achillis, cuius de ossibus olim
Septem pugnarunt urbes certamine magno,
Carminibus graecis, quae vestris auribus unquam
Chegabunt, aediles! Argum cantat Ulixei,
Insidiosi fraude, molossum, qui dominum mox,
Absentem multos post annos coniuge maesta,
Cognovit vetulis famulis plerisque priusque.

Mirantur canis affectum, mirantur amorem
Omnes qui bacalanorum costalia nolunt
Aut vini copos, herbae dulcisque liquores
Latona genito et blandis praeferre Camoenis.

Nomina, Virgilio teste, et canis inclyta multa
Sunt: Serpens, latrans et Hylax in limine; Fulco,
Atque Ragonia, et Harpalagus quoque, et Ichtya. Et illa
Non oblita catellae Publi carmina bella
Confestim narrabimus, orantes veniam istic.

Issa est purior osculo columbae,
Issa est blandior omnibus puellis,
Issa est charior indicis lapillis.

Vestrorum, aediles! insignia quae cecinerunt
Historiae aut celebrabunt, aut quivisque poeta?
Castilius, primus primorum, a fonte vocatus
Castalio, quem summus in antris servat Olympus,
Lusitanorum Parnasso magnus Apollo!
Mendes qui illa negotia nunc peregrina minister
Dirigit, insignis lyra, maesto in dramate Princeps;

Sempre a fama louvou por bôcas mil loquaz
As virtudes dos cães; e o mundo absorto jaz;
E, tirando o chapéo, salamaleque grave
Nos faz como convem; porquanto em rhythmo suave
Nos elevam aos céos os vates mais gentis,
E d'escriptores bons a prosa mais feliz.

Fulgura o ardente Cão de chammas opulento:
E quem, olhos volvendo ao claro firmamento,
Enxerga acaso edis nos astros do amplo céo?
D'Achilles o cantor, o cego que morreu
Pondo cidades sete á bulha por seus ossos,
Em grego verso, edis! e que aos ouvidos vossos
Não chegará jámais, d'Ulisses canta o cão
Argos, que balda logo insidias do patrão,
Longe ha tanto da triste esposa que estremece,
E ante os servos senis primeiro o reconhece.

Dos cães o affecto admira, admira o fino amor,
Quem preferir não quer costaes em si impôr
De bacalhau, de vinho encher-se e de bebidas,
Ao filho de Latona, e ás musas tão queridas.

Nomes, Virgilio o attesta, ha muitos a brilhar;
Ichtya, e Fulco e Ragonia, e ás portas a ladrar
Hylax, Serpe e tambem Harpalago. E d'aquella
Que nunca esquecerá, de Publio alva cadella
Ora os versos direi, pedindo aqui perdão.

Issa é mais pura que da pomba o beijo,
Issa é mais terna que o virgineo pejo,
Issa é melhor que as joias do Indostão.

Vós, edis, que poeta, ou qual insigne historia
Celebres vos tornou, vos deu no canto gloria?
Castilho que á Castalia a veia exhaure a flux,
Entre os primeiros summo e, do Parnaso á luz,
Apollo luso! habita o Olympo e seus loureiros;
Mendes que, junto ao rei, negocios extrangeiros
Rege, principe em drama, e em lyrico rabil;

Formosus carusque Patus, qui grata Paquitis
In vario metro componit carmina pulchra;
Vidalis praeclarus, noster amore Catullus;
Riberius vates, hebraearumque menestrel,
Iaimidis auctor, melleque Hymetti dulcior albo;
Pinthaeus virgo, musarum filia casta;
Presbyter Ayres Gouvensis, doctorque capelli,
Qui servire Deo quam mundo hoc tempore mavult;
Candore et bonitate Vialis grandior ullo,
Graeca doctrina excultus, studiisque latinis;
Quis nunquam aediles cantavit, dicite, metro,
Galhofis nisi, vel chuffis crebrisque cachinnis?

Inde irae: pedibus subter se stare videntes
Qualiscumque molossi, de quo natus Anubis,
Nempe diis superis par, insanire feroces
Incipiunt aediles. Mox rabies tumida aestu
Concitat ad caedes animos diffusa per artus.
Iam revomunt spumas, oculis micat acribus ignis;
Et proboso in coetu edictum immite ferentes
Infandum miserumque iubent renovare dolorem,
Nocturnosque canes captare indagine cinctos,
Ut mos, et dando illis crusta infecta venenis
Ad stygium interitu subito mox mittere fratrem.

Legati ecce spreitant nostros, somnia vana
Tranquille facientes, ut qui nulla timerent.
(Bellua in antro est, et non sese condit in urbe)
Festas tunc faciunt, tunc pelum currere palma
Incipiunt, tunc voce suavi nomina chamant
Dulcia, vel animae flores, solamina tuta,
Vel desiderium pueri, pulchraeque puellae.
Vani scutantes ea sive alia horrida verba
Cum bollo mortem in buxo una mettimus acri.

Hic non ficat: saeva aedilis mente revolvens
Vult magis, atque magis praeceps agit omnia fatum.
Quidam consequitur vir Gallorum ater ab illis
Horrendam canis (agricolis nam tradere cautus
Mundos et fundos promittit) carnificinam,

Pato caro e pimpão que canta a tão gentil
Paquita em pulchro verso, em vario metro raro;
De Catullo, rival no amor, Vidal preclaro;
Ribeiro, o das tafues judias menestrel,
Doce author do D. Jayme, e mais que o hymetteo mel.
A virgem de Pintheus, das musas casta filha;
Padre Ayres de Gouvêa em que o capello brilha,
E deixa agora o mundo, e quer a Deus servir;
Viale, a todos norma em candido sentir,
Que da Grecia e do Lacio ás lettras toma o sceptro;
Qual nunca edis cantou, dizei, em puro metro,
Sem chufas, e galhofa, e rir, e rir de vez?!

D'ahi as iras: vendo estarem sob os pés
D'um molosso qualquer, do qual Anubis nasce
Aos deuses semelhante, insano ardor lhes pasce
As entranhas edis. Logo o raivar feroz
Em onda impulsa o sangue a morticinio atroz:
Espumam, o furor nos olhos luz maldicto,
E na infame sessão passa o sanhudo edicto,
Que ordena renovar a infanda, a negra dôr,
De armar a rede aos cães da noite no pallor:
E dando a morte usada, a codea com veneno,
Mandal-os ao irmão que o Stygio vê sereno.

Eis legados subtis logo a espreitar-nos vem,
A nós sonhos gosando, e sem temer ninguem.
(A fera no antro está, não vive na cidade.)
Fazem-nos festa então: na voz que suavidade!
Põem-nos a mão no pêlo, e doces nomes dão;
Chamam-nos d'alma a flôr, allivio ao coração,
Das creanças o prazer, das lindas moças goso:
E, loucos isto ouvindo ou termo mais damnoso,
Mette-se o bolo ao bucho, e n'elle a morte vil.

Não fica tudo aqui: perversa a mente edil
Mais medita, mais quer, e mais lhe ageita a sorte.
Um malvado francez, que em illudir é forte,
Mundo e fundos promette ao campo, e prompto obtem
Vasto açougue de cães, das portas para além,

Extra portas: nemo intus consentiat urbe.
Hic fabricatur tabes illa vocata guanum
Salolos propter. Tunc ore effatus amicus:
Oh! fortunatos nimium sua si bona norint!

Paupera si sola guanis tornent uberiora
Nostris: et repleant miliis granaria fulvis,
Repollos couvesque virentes albaque rapa
In loca pracae tragant ut vendenda Figueirae.
Delabi in fraudes istas gens rustica sese
Deixat; nos miseri heu! fraudes caede pagamus.

Formosam prope Palmam et Grandem circiter Arvum,
Quo veteres ad cultos hortos ire solebant,
Et sedare sitim, frescasque comesse salatas,
Sorvendo copasia, dulcis munera Bacchi;
Post redeuntes in sedes uxoribus iras
Et costas simul atra oleastri rumpere virga:
Est locus umbrosus laetusque instar nemoris, quem
Errantes omni foecundant tempore rivi;
Carmen ubi sonat aestivis in mensibus ales;
Luxuriatque virescens largis fructibus arbos.
Multo Moralis Soares rura namorans,
Optansque in quintas studii, granjasque modelli,
Vertere Bempostam, quae poma recusat opima,
Quam Palma, nunquam invenit meliora sub urbe,
Ut pecudes timidas, armentaque obesa crearet;
Ardentes ut equos gregibus lançaret equarum;
Engordaret oves placidas, taurosque feroces;
Bombycesque daret mundo iam corpore sanos.

Elysia ad rura illa exangues trahimur omnes
Qui manducarunt bollos, virosaque crusta
Non oleo viridi mox latoque ore remittunt.
Ad compranda cadavera nostra as sufficit unus;
Pingatusque canum gatus, quam vilior ullo!
Carnifici terrore pavens moesta effugit antra.

Flagitium foedum illic fatum denique ferre
Nos jubet et flammis nostrum evanescere corpus.

Pois da cidade a dentro em tal ninguem consente.
Fabríca a peste alli, e guano a chama a gente,
Só do saloio em prol. E amigo assim lhe diz:
Oh! soubesses teus bens, serias tão feliz!

Se pingue o sólo teu tornasse o nosso guano,
Terias o celleiro a trasbordar todo o anno,
Repolhos, couves, nabo em rimas a trazer
Á praça da Figueira, e a preço bom vender.
Do campo a gente cae nas fraudes illudida,
E nós pagâmos, ai! as fraudes com a vida.

Junto a Palma louçan, do Campo Grande a par,
Onde nossos avós usavam ir folgar,
E a sêde saciar, comer fresca salada
Sorvendo cangirões, de Baccho pinga amada,
E ao tornar ao casal, nas costas da mulher
Com negro azumbujeiro as iras desfazer;
Um logar ha risonho, um quasi bosque em sombra
D'errantes aguas farto, e relva em verde alfombra,
Onde as aves no estio o canto ás brizas dão
E da arvore copada o fructo alastra o chão.
Dos campos namorado, o bom Moraes Soares
Em granjas anhelando, em quintas exemplares
A Bemposta volver, sempre a vergeis fatal,
Palma a tudo prefere em torno á capital,
Para o nedio rebanho, e a vara andar folgada,
Lançar os garanhões das egoas á manada,
Mansa ovelha engordar, e o touro bravo; emfim
Curar da seda ao bicho o grave mal ruim.

Vamos a Elysios taes quantos o bolo perde
E a codea venenosa o prompto azeite verde
Do fundo do bandulho a vomitar não val.
Cada cadaver nosso apenas custa um real.
E, mais que vil! dos cães o vil gato-pingado
Foge de horror tranzido este antro ensanguentado.

Quer a sorte afinal que ahi nos vá ferir
Flagicio abjecto, e o fogo os corpos consumir:

Quis miseros aperit et viscera tirat ab imo,
Fressuras religat spurco cum sanguine mixtas;
Molhaque ferro triparum pendurat acuto.
Quis dextra prendens longum, horribilemque faconem,
Matura ut si deglubisset pollice poma,
Extirpat manga arregaçata carnibus ossa.

Caldeira in medio est fornacis torrida flammis;
Latum vas, navisque vaporis maius aheno,
Congeries quod lignorum alta temperatura
Exardens conservat supra mille diabos.
Caldeira illa est certa Peri famosa Botelhi.

Tunc fervente in aqua liventia corpora mergunt,
Adiiciunt acida inflammato ex sulfure terra
Vulcanos prope capta, et distillata per ora
Plumbi alambicorum longa in plumbea vasa.
Chlorhydrica addunt postea, azotica, denique quantas
Faeces Alchymica immundo diffundit ab antro.
Mexunt atque remexunt, fumis aethera toldat
Corrupta exhalatio sordens, arvaque foedans.
Illae Tartareae volucres, Stymphalia monstra,
Quas maculant, non tantum spirant turpiter auras.
Sic mixordibus illis tirant crassa guana.

Palea, qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, et egressus Conimbra postea paulo,
Virtutes Fabiae Catimbalique caballi,
Blando lusisti modulo, risuque soluto;
Cur calas, dic? et quae te dementia cepit?
Iam tibi fas est vincula dulcia, nempe catenas
Proh! pudor, auriferas, Borralhae rumpere Gatae.
Gallas et timeo, et cancanum cruribus altis
Saltantes horresco, astutaque lumina earum.
Nos cur non defendis, Palea, vindice pluma?
Ad guanum hostes qui nunc omnia vertere nostra
Praetendunt irati, iam tibi sunt inimici.
In primis Almeida Ludovicus, alma ferina,
Cui natae sunt pulchrae, cui sunt figada brava.
Ferrea sed praesertim saevaque bellua Ioseph

Um o ventre nos abre, e arranca a entranha extincta
Liga a fressura gorda, em porco sangue tincta,
E das tripas o mólho impende ao prego então;
Outro na dextra empunha o longo, atroz facão,
E, qual se pella á unha a fructa e seus caroços,
De manga arregaçada esbruga a carne aos ossos.

No meio'ha da fornalha uma caldeira a arder
Que excede a do vapor maior que possa haver;
Montes de lenha em volta, a alta temperatura
De mil diabos lhe dão, e sem cessar lhe dura.
É de Pero Botelho ao certo o caldeirão.

Postos n'agua a ferver os podres corpos são
Com acidos de enxofre ás lavas arrancado
Nos vulcões, e que após em chumbo destillado
Dos tubos da retorta ás plumbeas cellas vem;
Juntam-lhes chloro e azote, e quantas fezes tem
A Chimica extrahido aos seus covís immundos.
Mexem, remexem; fumo enlucta os céos profundos,
Os campos corrompendo o sordido vapor.
As aves infernaes, monstros de eterno horror
Não enxovalham tanto a aragem que respiram.
Desta mixordia assim o crasso guano tiram.

Palha, que outr'ora honraste a frauta folgazan
E, deixando depois a Coimbra tam louçan,
As virtudes da Fabia, e o Catimbau sendeiro
Chasqueaste á risada, em verso prazenteiro;
Porque te calas, diz? que insania te colheu?
Quebra as cadeias de oiro, os laços que te deu
A Gata Borralheira oh! dor! tam doce e terna.
Temo a franceza audaz, mostrando ao alto a perna
Nos saltos do cancan, temo-lhe o astuto olhar;
Pousas a penna, Palha, e não nos vens vingar?
Os que em guano a nós nos querem transformados
Teus inimigos são, ha muito declarados:
Olha esse Luiz de Almeida, o coração cruel,
Com filhas divinaes, e figados de fel.
Mas, inda mais, José, o ferreo, o mau, soturno,

Iesuitas qui et nos Orco mettere fundo
Ruminat imo pectore, nocte dieque soturnus.
Iam crassasque nates ac terga leporibus ambo,
Et latego versorum elato, Palea, tunde.

Parcas nunc obtestor, docte Cunicule, metris.
In prosa tibi, musarum mi nomina nostra
Auxilio licitum fuit alta ad sidera ferre.
Audax, invisusque licet nos mordeat atro
Zoilus atque ferens infixo dente venenum,
Iustitiam praebebunt postera secula nobis.

Que noite e dia a sós rumina taciturno
Os Jesuitas e os cães no inferno sepultar:
Nas nadegas e lombo açoites a estalar!
Tunda-os, Palha, a valer, com teu chistoso plectro!

Meu douto Coelho, agora, imploro venia ao metro;
Tu na prosa o teu nome ergueste ao alto céo,
Das musas com o auxilio alli levei o meu;
E, se Zoilo atrevido, em negra inveja ardente,
Enterrar-nos quizer o envenenado dente,
Os seculos por vir,—gloria á canina paz!
Justiça te farão, de certo, e ao teu Thomaz.

A. A.

NOTAS

NO TEXTO LATINO

Pag. 28

[1] Estes sete e meio versos são de Virgilio nas *Georgicas*, L. III, v. 388 a 395.

NA VERSÃO PORTUGUEZA

Pag. 27

[1] A versão accrescentou aqui de proposito um hemistychio para ajustar o texto á conhecida passagem de Camões:

O concerto fizeram duro e injusto
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

Lusiadas, cant. III, est. 136.

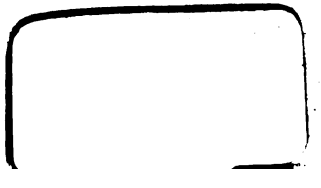
Pag. 29

[1] Estes dez versos em italico todos de rimas graves são de A. F. de Castilho no passo respectivo da admiravel versão das *Georgicas*. Nem de longe se phantasiou a audacia de tentar modifical-os para assim os uniformar com o resto.

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.



MLc 212.30
Congratulatio canum /
Widener Library 004331776
3 2044 088 819 644